

As Greves e as grades.

A Celebração **do Natal**

fora do

Tempo de Natal!

O stress!



Estabelecimento Prisional de Izeda

Como foi divulgado, depois de várias pequenas greves, veio a longa greve dos Guardas Prisionais, que se estendeu de 2 de dezembro a 6 de janeiro.

O tempo, de Advento **e Natal**, foi ao ar!

“Não vimos nem uma bolinha de Natal”, disse um Recluso quando nos encontramos depois da greve.

Para a maioria das pessoas, esta greve dos Guardas Prisionais, foi como uma nuvem que passou ao longe, e se esvaiu no horizonte.

Para os 14.000 encarcerados em Portugal, e para os 400 desta Diocese Bragança-Miranda, este foi um tempo amargo, que passou como um vendaval frio, na escuridão.

Sendo uma questão a resolver entre Guardas e Governo, os Reclusos foram os mais atingidos. Houve desacatos por todo o lado e aqui também. Em alguns casos foram os próprios Guardas que incitaram os Reclusos aos motins, tendo já por perto os meios de comunicação social.

Mas também houve gestos nobres: Alguns Guardas e mesmo o Comissário, sob o olhar reprovativo dos seus colegas, foram eles próprios que, com os “faxinas” serviram e colmataram as pequenas necessidades dos Reclusos durante a greve.

Depois comentavam comigo que este Comissário deve ser um grande **cristão**.

Durante estas greves, o serviço da capelania, juridicamente fazendo parte dos serviços **mínimos autorizados**, também não foi permitido.

A meio da greve, foi-me comunicado que podia haver Missa, mas **“Freira e Diácono não podem entrar, só Padre, Padre”**.

O Sacerdote, porque se encontrava ausente, fez 200km para chegar a horas para à Celebração, mas não passou das grades da portaria. E não houve Missa, nem pôde contactar com ninguém! Os grevistas são os donos da situação!

Como viveram estes homens durante os 40 dias de greve?

- Quatro ou seis homens fechados num quarto, sem literalmente nada para fazer. Com privacidade zero. Com uma sanita e um lavatório atrás da porta. Esta situação conduziu a muitos desequilíbrios, e a passagem da droga nunca esteve tão activa.

Um outro Recluso comentava: **Ó Irmã, se não é com um pouquinho de droga, como é que estes homens aguentavam tanto tempo fechados num quarto sem fazer nada?**

- **Nunca puderam mandar nenhuma peça de roupa para a lavandaria. Só possuem duas peças do mesmo tipo: duas calças, dois casacos, etc.**

- **Só saíam das celas uma hora de manhã e outra da parte da tarde, para o pátio, do qual só se vê o Céu. E uma hora para almoço.**

- **Nunca puderam receber visitas nem entrar em contacto com o exterior.**

- **O acesso aos balneários foi reduzido.**

Quando as portas reabriram aos Voluntários, e nós pudemos entrar, foi um encontro de festa entre amigos, como que de verdadeira família se tratasse!
E contaram-se muitas histórias!!!

E insistiram para que eu não faltasse no dia seguinte:

*“A capela é o único lugar aqui,
onde nós respiramos ar puro,
e nos sentimos em casa”,* disseram.

E com muita incerteza, fomos preparando aos poucos, as pessoas e as coisas para a Celebração do Natal, que viria a realizar-se no dia 18 de janeiro.

No dia **11 de janeiro** tivemos o primeiro ensaio geral com o jovem organista da Catedral que se disponibilizou a animar a **“Missa de Natal”** para a comunidade Reclusa. Eles compareceram na Capela em grande número, mas tensos.

Houve conversas todos os dias com a Cadeia. As ameaças de greves nunca mais acabavam, e nós ficávamos na incerteza de avançar ou esperar.

O Sr. Bispo, D. José M. G. Cordeiro, que preside sempre a esta Celebração, inclinou-se diante de todas as contingências até á última da hora. Foram horas de muito stress!

Com tudo organizado, até duas horas antes, ninguém tinha a certeza se a Celebração iria acontecer ou não. Só importava estarmos todos lá dentro da Cadeia antes da mudança de turno dos piquetes.



Como grevistas, os Guardas estavam no seu direito de não nos deixar entrar. Os telemóveis funcionaram muito nos dois sentidos nas últimas duas horas antes da aguardada Celebração de Natal.

Foram horas de muito stress!

Depois, pelas 15:30h, com alguma tranquilidade, ao som do órgão, a Capela foi-se enchendo como nunca. Cada um dirigiu-se ao seu lugar. Fez-se uma breve repetição dos cânticos para que todos pudessem participar. Entretanto chegaram os chefes e outro pessoal e deu-se início, em paz, à tão esperada Celebração. A capela encheu-se de luz. Acenderam-se todas as velas e todas as lâmpadas.

Por indicação do Sr. Bispo, fez-se tudo como se estivéssemos no dia 24 ou 25 de dezembro. Beijou-se o Menino, e as vozes masculinas deram o seu melhor.

Depois da comunhão, um grupo de Reclusos colocou-se à volta do Presépio a cantar, pedindo ao Menino Jesus a Luz, o Perdão e a Paz.

Apesar da tensão inicial, chegou-se ao fim com a sensação de Festa e muita alegria. *Éramos cerca de duzentas pessoas.*

À saída da Missa, cada recluso recebeu uma barra de chocolate oferecida pelo Pároco e dois pares de meias, (dos 986 pares) angariadas nas campanhas de Natal, nas paróquias da cidade durante o Advento.

Um Jardim de Infância da Cidade, fabricou 50 estrelas de barro, pintadas e decoradas pelas crianças, que foram ofertadas aos cantores Reclusos.

Depois da Celebração, o Sr. Director convidou o Sr. Bispo, Padres e Diácono, Voluntários e demais Convidados, a subir ao bar para um chá quente e um pouco de cavaqueira. Tudo é Missão!

Na despedida, o Sr. Director, que acompanhou toda esta comitiva externa, até à última grade, disse-me: **Muito obrigado Irmã por tudo o que faz nesta casa.**

A Ir. Roriz, que me acompanhou nestas andanças, apreciou a participação e o entusiasmo destes homens e classificou a celebração como uma Cerimónia de mini Catedral.



Irmã Roriz, fmm

Matilde Ferreira, fmm